

## LEITURA ORAL E SEUS OBJETIVOS

Maria do Socorro de Albuquerque Gomes (1)

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma reflexão sobre a leitura oral, seus objetivos e seus momentos de realização. Mostra em que momento predominou na escola, quando deixou de ser prestigiada e quais as séries que mais negligenciam sua utilização. Procura enfocar seu reconhecimento na atualidade e como pode auxiliar o professor na prática avaliativa das habilidades ligadas à leitura, quando, como e porque o docente deve efetuar as sessões de leitura e, finalmente, tece considerações sobre um aspecto importante da leitura oral — o momento olho-voz.

---

1) Mestras em Educação pela PUC-R.J. e Professora do Centro de Educação da UFPE.

A leitura oral foi durante muitos anos a que predominou nas escolas. Apesar de ser executada de forma que cada aluno lia uma parte de um mesmo texto, era dada ao educando a oportunidade de sua prática.

Evidências nos levam a crer que o procedimento usado tradicionalmente para a realização deste tipo de leitura tinha uma limitada utilidade como método rápido de avaliar.

A partir do momento em que as pesquisas começaram a demonstrar que as crianças ensinadas através da leitura oral tendiam a ser vagarosas, é que a leitura silenciosa começou a surgir. Com a prática desta modalidade de leitura (a silenciosa), a anterior (oral) foi sendo cada dia mais negligenciada e até mesmo esquecida na maioria das escolas nas séries terminais do 1.º grau.

Esta postura negligente quanto à leitura oral teve efeitos negativos até mesmo por não reconhecimento do valor da oralidade.

Atualmente se reconhece que a leitura oral contribui para o desenvolvimento integral da criança e isso se deve, em parte, aos estudos que vêm sendo efetuados sobre os primeiros momentos da fala e quanto ao fato desta preceder à palavra escrita. A oralidade é, portanto, fator muito importante no desenvolvimento da leitura e em especial da leitura oral.

Agora já se reconhece que a leitura oral dá ao professor uma rápida e válida maneira de avaliar o progresso de diferentes habilidades de leitura, tais como: o reconhecimento de palavras e paráfrases, também o descobrimento e necessidades específicas de ensino.

No momento em que se pratica a leitura oral, pratica-se também a comunicação oral com aquele que está lendo e, ao mesmo tempo, habilidades de ouvir para aqueles que fazem parte da audiência; desenvolvem-se padrões afetivos da fala; oferece-se um círculo propício à dramatização e propiciam-se condições de molduramento para histórias em situações onde não seria prático utilizar a memorização; enfim, facultam-se condições para o professor trabalhar no desenvolvimento do ajustamento social das crianças, em particular daquelas que são tímidas.

O professor deve ser suficientemente inteligente para saber em que momento introduz a leitura oral. Muitas vezes é mais sábio e prudente utilizar-se, primeiramente, da leitura vi-

sua como é o caso do professor querer fazer uma diagnose, quando quer um retrato claro das crianças no reconhecimento de palavras. Entretanto, quando um professor se propõe a fazer uma leitura corretiva, as dificuldades no reconhecimento de palavras podem ser corrigidas mais rapidamente quando se faz, em primeiro lugar, a leitura oral; há uma impossibilidade dessa correção pelo professor, quando o aluno faz uma leitura silenciosa.

O professor deve, de vez em quando, efetuar uma leitura em grupo com o objetivo de quebrar a monotonia da leitura individual, mas não deve, contudo, fazer disto uma prática.

Quando e como fazer sessões de leitura oral? Vejamos:

a) Com grupos pequenos — o professor pode constituir o grupo com elementos que possuam habilidades de leitura semelhantes, diminuindo, assim, os efeitos negativos aludidos anteriormente. Neste caso a criança poderá sentir-se mais à vontade. Esperando sua vez por pouco tempo, é possível que cada criança preste maior atenção ao assunto lido. Por conta do tamanho do grupo cada um deles lerá várias vezes e com isto vai adquirindo uma prática maior do que se a sessão de leitura fosse realizada com toda a classe. Nesta prática há uma menor probabilidade dos alunos fracos serem afetados em sua autoconsciência, visto que o grupo a que estão inseridos é mais ou menos homogêneo. Este tipo de leitura oral é especialmente indicado para leitores retardados.

b) Quando o professor quer observar e notar os erros dos alunos e os hábitos de leitura que precisam de correção — Neste caso manda-se que o aluno leia em voz alta um texto longo e representativo nos vários aspectos da leitura oral (entonação, pontuação, pronúncia, etc.).

c) Quando quer que se leia e descubra resposta à pergunta — Pede-se ao aluno para localizar, no texto lido silenciosamente, respostas às perguntas específicas. Essas respostas são lidas depois, em voz alta. Isto traz uma revisão intencional na leitura silenciosa como também é prática desejável na leitura oral e pode ainda servir como estímulo para interessantes discussões sobre a correção das respostas.

d) Quando se quer que o aluno leia para uma platéia. — É dada a cada aluno a oportunidade de escolher um texto o qual lerá para toda a classe. Esse texto deverá ser de preferência desconhecido dos outros alunos; o leitor deverá praticar bastante sobre o texto e, caso seja possível, deve fazer um

ensaio com o professor. Somente após estes passos lerá para seus colegas. Uma vez que o material é desconhecido da plateia, a tendência é que esta apresente atenção e interesse fazendo consequentemente que o aluno leitor experimente a satisfação de um trabalho bem feito. O professor poderá utilizar esta modalidade de leitura como uma atividade semanal.

e) Quando se quer ler poesias ou outros materiais fortemente rítmicos. — Usa-se a leitura em coro, ocasionalmente. Os alunos lêem em voz alta, todos ao mesmo tempo. Os melhores leitores lêem ao lado dos mais fracos levando estes a ganharem uma melhor apreciação de pronúncia, paráfrase, ritmo e interpretação.

f) Quando se quer treinar partes de «Scripts» de rádio ou peças de teatro. — Não há nenhum tipo de leitura oral que seja mais interessante para os alunos que aquela que os ajuda a ler com mais naturalidade na expressão. Isto acontece quando lêem parte de uma peça. O professor pode separar um tempo específico para as crianças lerem suas partes como se estivessem a apresentar aquela peça.

g) Quando o professor deseja mostrar que a entonação modifica o significado. — Neste caso o professor deve fazer as crianças lerem uma oração colocando ênfase em diferentes palavras e mudando a forma de entonação, salientando em seguida o significado específico de cada uma.

**O MOMENTO OLHO-VOZ** — A atenção com o momento olho-voz volta novamente à tona. Para se determinar este momento é necessário que se cubra, subitamente, o material enquanto se está lendo oralmente. O momento olho-voz corresponde ao número de palavras que a pessoa pode dizer depois que o texto foi escondido. Em outras palavras é a quantidade de palavras pela qual os olhos do leitor estão à frente de sua voz. O momento olho-voz, que é naturalmente o quanto a pessoa pode ler num segundo, mostra que o material já percebido é armazenado em pouco tempo na memória até que a resposta oral seja feita. O momento olho-voz é mais longo nas orações e materiais significativos do que nas palavras não relacionadas, tende a parar nos limites de uma frase, mais do que no interior da frase o que mostra o seu controle, de alguma forma, pela apreensão do significado (Levin e Kaplan, apud Harris, 1965, p. 82).

Em geral, numa leitura superior, há um momento olho-voz grande, enquanto uma leitura lenta tende a apresentar um momento pequeno. Isto está em harmonia com estudos realizados (Clay e Imlach, apud Harris, 1975, p. 82).

O tamanho do momento olho-voz também pode ser estudado em termos de número de palavras. Estudiosos (Levin e Turner, apud Harris, 1975, p. 82) descobriram que a média do momento olho-voz era aproximadamente de 3 palavras para os alunos da 2ª série e 4 e 1/2 palavras para alunos da 4ª série. Outros estudos (Buswell, Levin e Conn, 1975, p. 82), mostraram que o momento olho-voz se desenvolve de acordo com a idade. Há ainda quem afirme que este momento é influenciado pela riqueza do significado do material (Lawson e Morton, apud Harris, 1975, p. 82), ou pelos reguladores linguísticos (Wanat, Levin e Fusaro, apud Harris, 1975, p. 82).

#### REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHA, Magdala Lisboa e KEITHAHN, Luela, **Evolução em leitura**, Belo Horizonte, Programa de Assistência Brasileiro-Americana a Ensino Elementar, 1965.
- BLOCH, Pedro, **Falar é Viver**, Rio de Janeiro, Editora Nórdica, 1980.
- CONQUET, André, **Ler Melhor e Mais Depressa**, trad. de Sampaio Marinho Lisboa, Editorial Pórtico, 1970.
- DOWNING, John e THACKRAY, Derek V., **Madurez para la Lectura**, trad. Maria Célia Eguibar, Buenos Aires, Editorial Kapelusz, S/A, 1974.
- HARRIS, Albert J. e SIPAY, Edward R., **How to Increase Reading Ability**, a guide to developmental and remedial methods, sixth edition, New York, David McKay Company, inc., 1975.